

Ruth Rocha

As coisas que a gente fala

ilustrações:
Mariana
Massarani

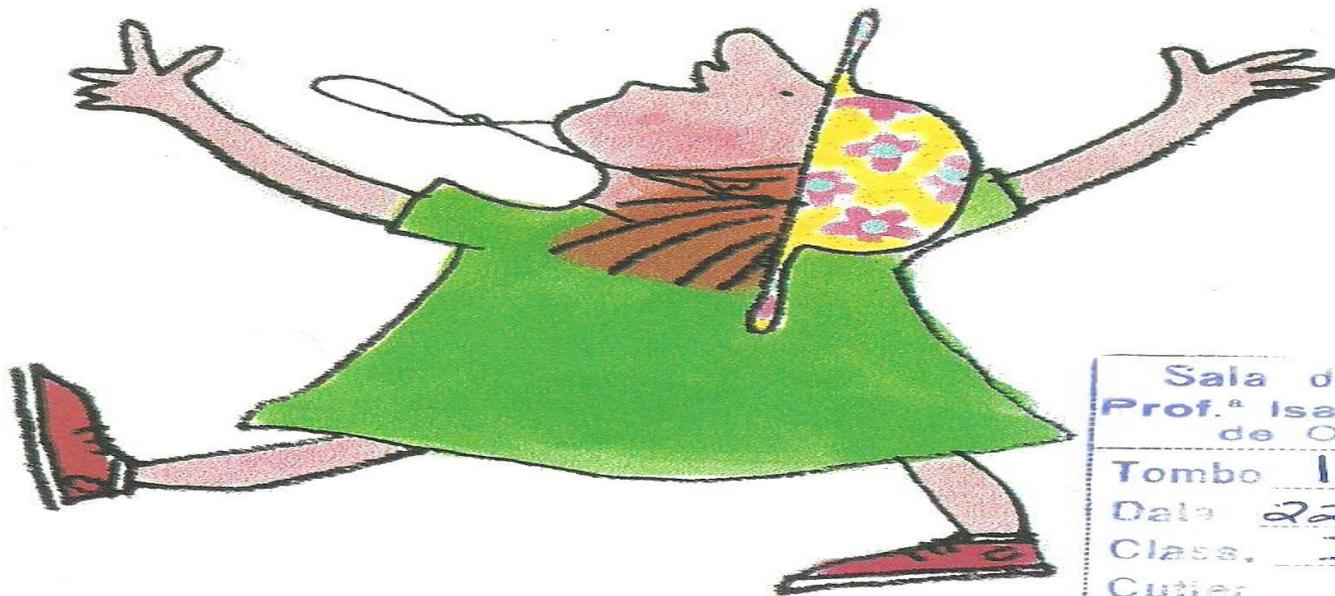


SALAMANDRA



Ruth Rocha

As coisas que a gente fala

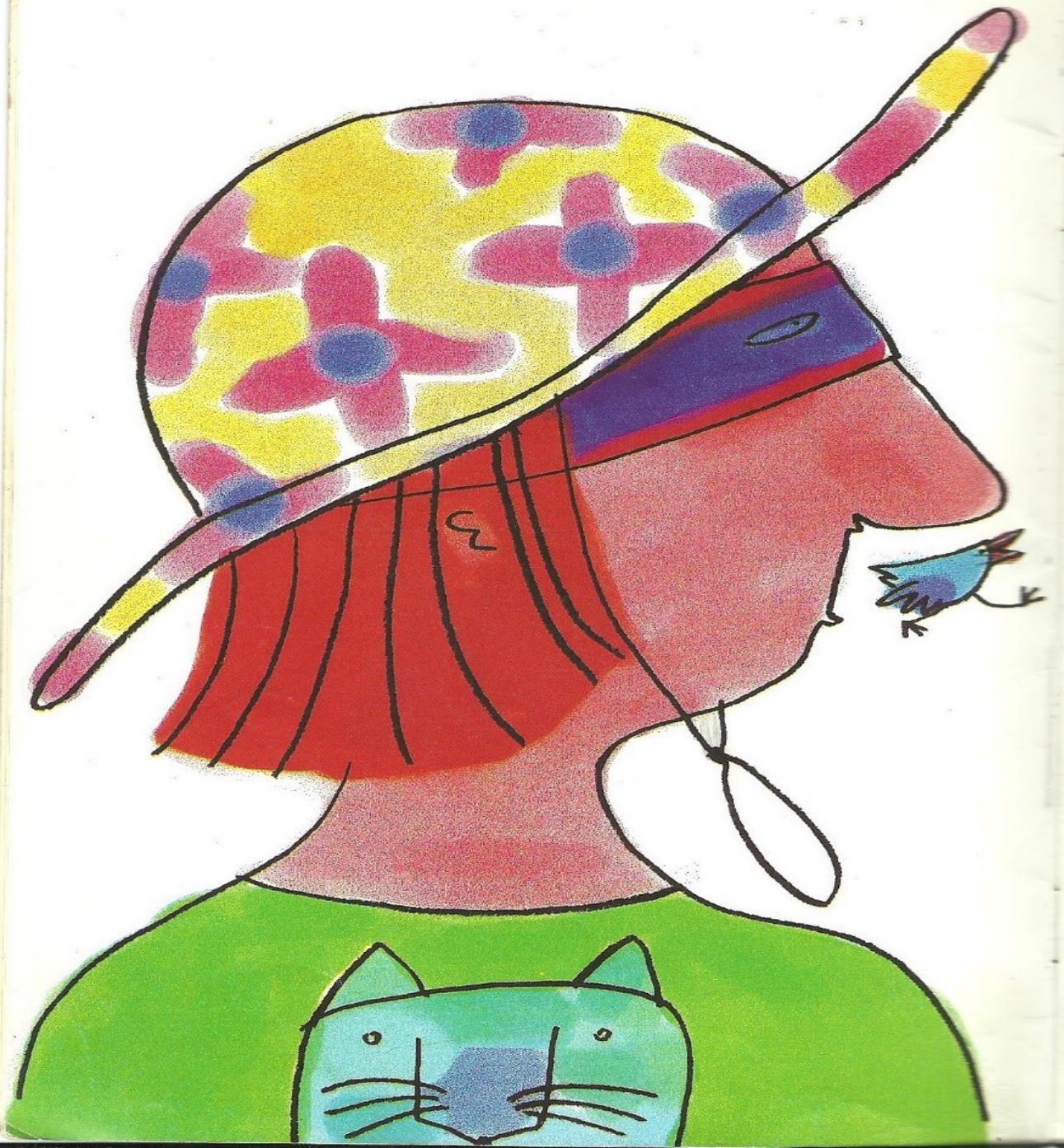


ilustrações:
Mariana Massarani



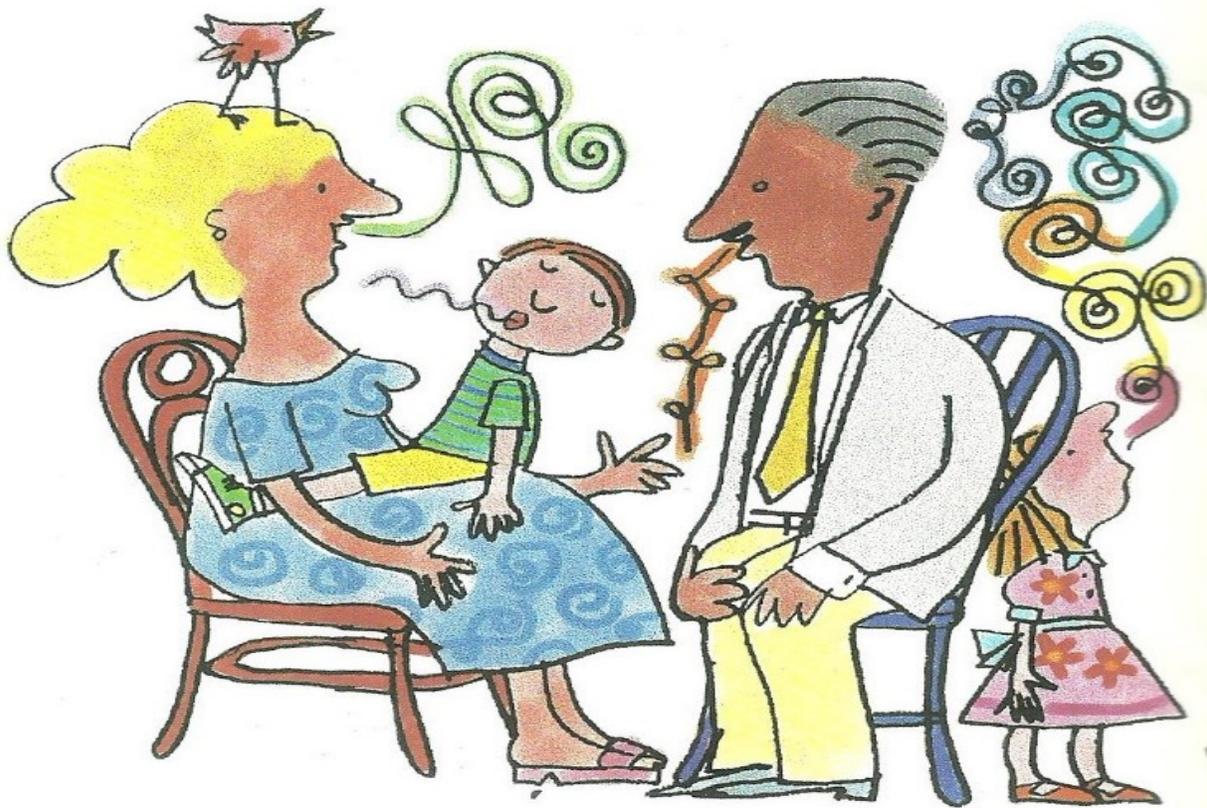
SALAMANDRA

Sala de Leitura
Prof. ^a Isabel Batista de Oliveira
Tombo 1333
Data 22/04/99
Class. I J
Cutier
v.-ex.
Dosqto Prefeitura
Compre
Data
E.E.P.G. (R) Ten. Av Ary Gomes Castro



As coisas que a gente fala
saem da boca da gente
e vão voando, voando,
correndo sempre pra frente.
Entrando pelos ouvidos
de quem estiver presente.

Quando a pessoa presente
é pessoa distraída
não presta muita atenção.
Então as palavras entram
e saem pelo outro lado
sem fazer complicação.



Mas às vezes as palavras
vão entrando nas cabeças,
vão dando voltas e voltas,
fazendo reviravoltas
e vão dando piruetas.

Quando saem pela boca
saem todas enfeitadas.
Engraçadas, diferentes,
com palavras penduradas.



Mas depende das pessoas
que repetem as palavras.
Algumas enfeitam pouco.
Algumas enfeitam muito.

Algumas enfeitam tanto,
que as palavras - que
engraçado!
- nem parecem as palavras
que entraram pelo outro
lado.



Eu vou contar pra vocês
o que foi que aconteceu,
no dia em que a Gabriela
quebrou o vaso da mãe dela
e acusou o Filisteu.

Neste dia, por acaso,
a Dona Felicidade
encontrou seu lindo vaso
reduzido a quantidade
de caquinhos e pedaços
de grande variedade.

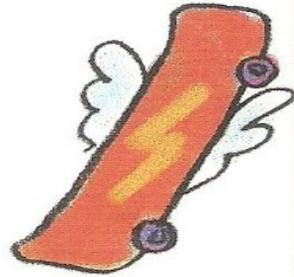
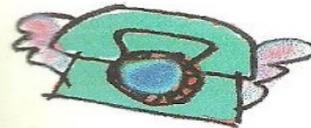
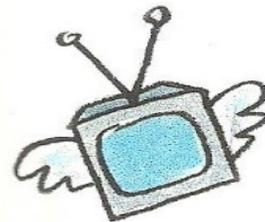


- Quem foi que quebrou meu vaso?
Meu vaso de ouro e laquê,
que eu conquistei no concurso,
no concurso de crochê?
- Quem foi que quebrou seu vaso?
- a Gabriela respondeu
- quem quebrou seu vaso foi...
o vizinho, o Filisteu.



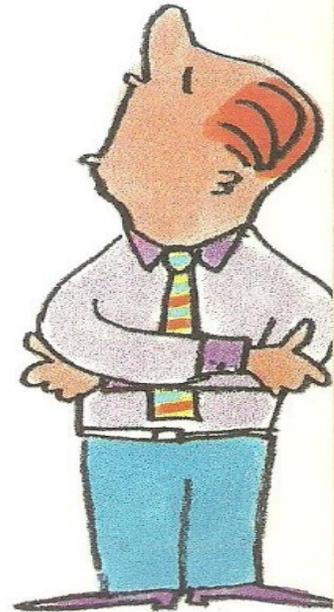
Pronto! Lá vão as palavras!
Vão voando, vão voando...
Entrando pelos ouvidos
de quem estiver passando.

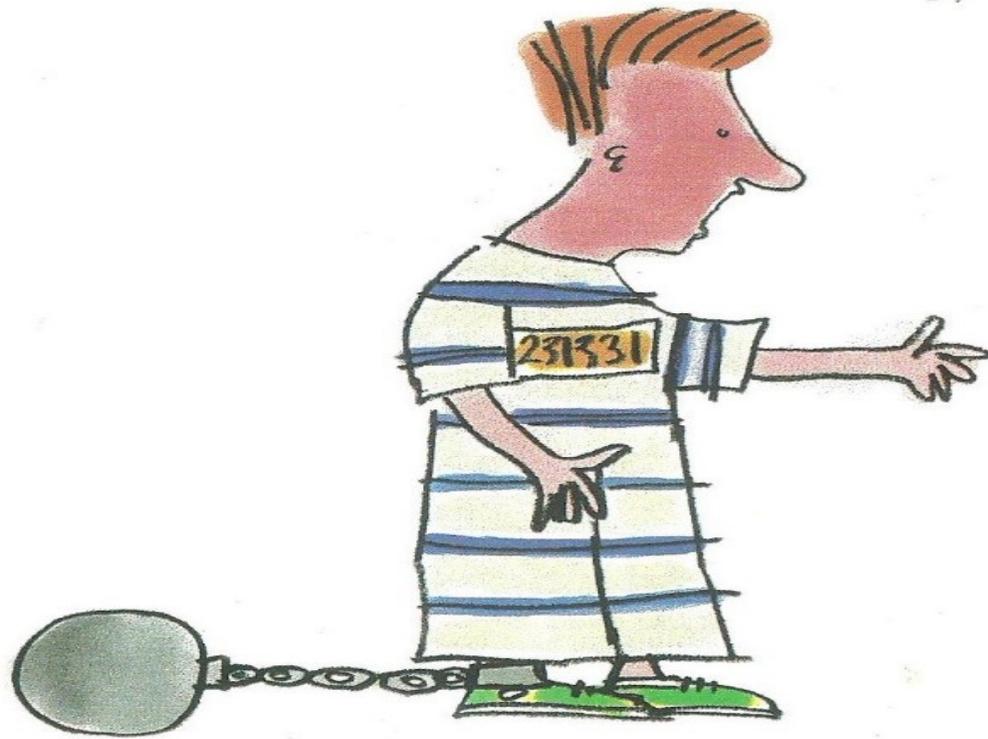
Então entram pelo ouvido
de Dona Felicidade:
- O Filisteu? que bandido!
que irresponsabilidade!
As palavras continuam
a voar pela cidade.
Vão entrando nos ouvidos
de gente de toda idade.
E aquilo que era mentira
até parece verdade...



Seu Golias, que é vizinho
de Dona Felicidade,
e que é o pai do Filisteu,
ao ouvir que o filho seu
cometeu barbaridade,
fica danado da vida,
inventa logo um castigo,
sem tamanho, sem medida!

Não tem mais festa!
Não tem mais coca-cola!
Não tem TV!
Não tem jogo de bola!
Trote no telefone?
Nem mais pensar!
Isquite? Milquicheique?
Vão acabar!





Filisteu, que já sabia
do que tinha acontecido,
ficou muito chateado!
Ficou muito aborrecido!

E correu logo pro lado,
pra casa de Gabriela:
- Que papelão você fez!
Me deixou em mau estado,
com essa mentira louca
correndo por todo lado.
Você tem que dar um jeito!
Recolher essa mentira
que me deixa atrapalhado!



Gabriela era levada,
mas sabia compreender
as coisas que a gente pode
e as que não pode fazer;
e a confusão que ela armou,
saiu para resolver.



Gabriela foi andando.
E as mentiras que ela achava
na sacola ia guardando.
Mas cada vez mais mentiras
o vento ia carregando...

Gabriela encheu sacola,
bolsa de fecho de mola,
mala, malinha, maleta.



E quanto mais ia enchendo,
mais mentiras ia vendo,
voando, entrando nas casas,
como se tivessem asas,
como se fossem - que coisa!
- um milhão de borboletas!





Gabriela então chegou
no começo de uma praça.
E quando olhou para cima
não achou a menor graça!
Percebeu - calamidade!
- que a mentira que ela disse
cobria toda a cidade!



Gabriela era levada,
era esperta, era ladina,
mas, no fundo, Gabriela
ainda era uma menina.
Quando viu a trapalhada
que ela conseguiu fazer,
foi ficando apavorada,
sentou-se numa calçada,
botou a boca no mundo,
num desespero profundo...



Todo mundo em volta dela
perguntava o que é que havia.
Por que chora Gabriela?
Por que toda esta agonia?
Gabriela olhou pro céu
e renovou a aflição.
E gritou com toda força
que tinha no seu pulmão:

- Foi mentira!
- Foi mentira!

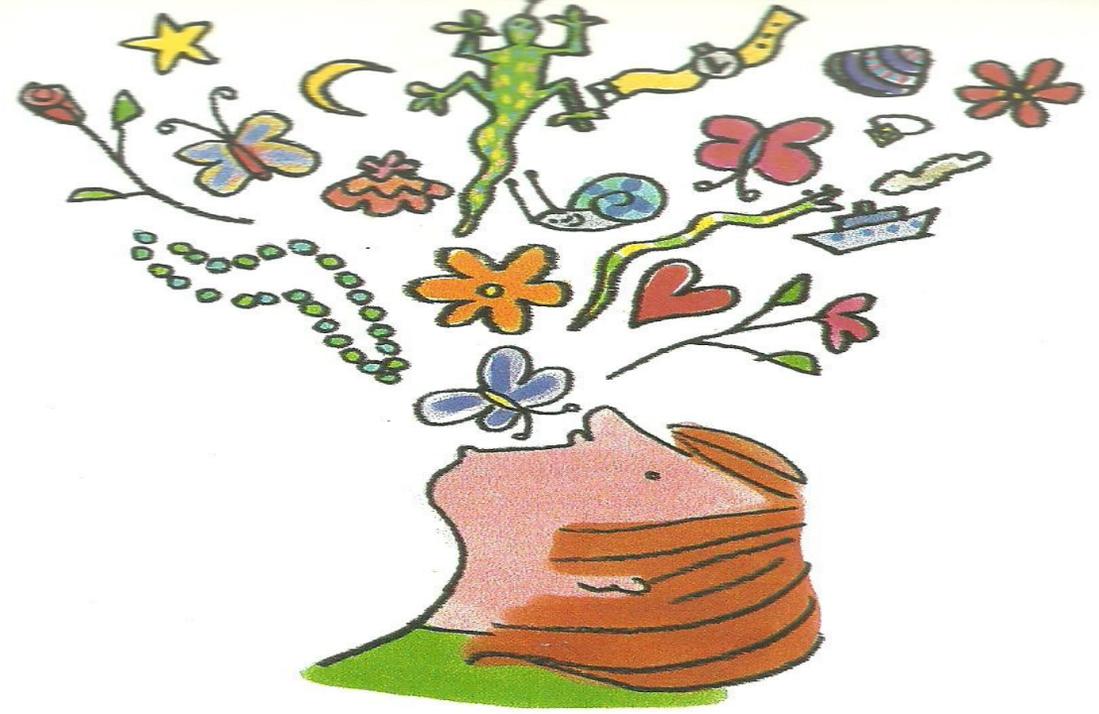


Com as palavras da menina
uma nuvem se formou,
lá no alto, muito escura,
que logo se desmanchou.
Caiu em forma de chuva
e as mentiras lavou.



Mas mesmo depois do caso
que eu acabei de contar,
até hoje Gabriela
vive sempre a procurar.
De vez em quando ela encontra
um pedaço de mentira.
Então recolhe depressa,
antes dela se espalhar.

Porque é como eu lhes dizia.
As coisas que a gente fala
saem da boca da gente
e vão voando, voando,
correndo sempre pra frente.



Sejam palavras bonitas
ou sejam palavras feias;
sejam mentira ou verdade
ou sejam verdades meias;
são sempre muito importantes
as coisas que a gente fala.
Aliás, também têm força
as coisas que a gente cala.
Às vezes, importam mais
que as coisas que a gente fez...

"Mas isso é uma outra história
que fica pra uma outra vez..."





Tudo o que a gente vê ou sente é expresso através de palavras.

As palavras podem nos parecer duras, suaves, feias, bonitas. Podem servir para dizer verdades ou mentiras.

Portanto, muito cuidado ao usar as palavras. Algumas vezes, elas podem armar uma tremenda confusão!

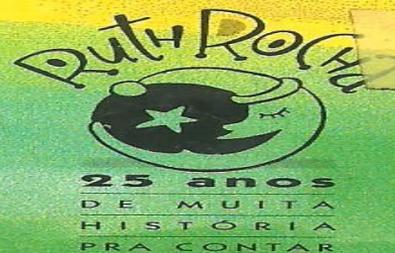
O tema deste delicioso livro é o peso e a importância da palavra, a palavra que a gente diz sem pensar (ou por malícia), e que sai voando, se espalhando e aprontando. Historinha simples e direta, pão-pão, queijo-queijo. Mas como está bem contada!

TATIANA BELINKY

ISBN 85-2810-057-X



9 788528 100570



Id